

OS INTELCTUAIS REBELADOS E SUAS UTOPIAS REDENTORAS

THE REBELION OF THE INTELCTUALS AND THEIR REDEEMING UTOPIAS

Jacques Wainberg¹

Este estudo compara o impacto que a obra rebelde produzida nos anos 60 e 70 e a que dissemina agora a mensagem salafista tem nas conversações das pessoas e em três tradições literárias. O estudo mostra que as referências aos teólogos e filósofos do fundamentalismo islâmico nas mensagens tuitadas superam a popularidade dos autores que no ocidente inspiraram a rebelião dos jovens e grupos armados como Baader Meinhof e Brigada Vermelha. O inverso ocorre na literatura em inglês, francês e alemão. Neste caso, predomina a popularidade de Herbert Marcuse, Ernst Bloch, Jean Paul Sartre, Régis Débray e Frantz Fanon.

This study compares two traditions of scholarhisps and their impact on conversation and in three literatures . The first was produced in the 60's and 70's. It aimed to inspire the youth in its rebellion against 'the system'. The second is the salafist one. It aims now to inspire Islam. The data show that references to islamic fundamentalism sources are more frequent in tweets than in the literature. In this case, authors like Herbert Marcuse, Ernst Bloch, Jean Paul Sartre, Régis Débray and Frantz Fanon remain being popular.

PALAVRAS CHAVES:

utopia, anos 60, salafismo

KEY-WORDS:

utopia, the 60's, salafism

Passados 40 anos, os escritos filosóficos de autores que inspiraram os movimentos rebeldes e reparadores dos anos 60 e 70 se assemelham agora aos objetivos de um novo tipo de discurso utópico. O que está em jogo no discurso salafista atual é a restauração de

1 Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS. jacqalwa@puhrs.br. PORTO ALEGRE, BRASIL.

um tempo imaginado como perfeito e completo. Os grupos islâmicos radicais do século XXI são em sua grande maioria formados também por jovens inconformados com os valores do liberalismo. A solução a este desconforto não foi sonhar com um novo mundo, mas com um velho, o existente à época do Califado.

Nos anos 60 e 70, os estudantes do Ocidente encontraram nas palavras de Jean Paul Sartre, Herbert Marcuse, Ernst Bloch, Régis Débray, Frantz Fanon e de vários outros autores e militantes contestadores o *rationale* para suas ações, algumas delas violentas e armadas. Esse tipo de visão radical é um dos traços daquele tempo marcado igualmente pela guerra fria, pela descolonização da África, pelas ditaduras latino-americanas e pelo muro de Berlim. Naqueles anos a descrença na democracia representativa foi amplamente promovida por uma tradição de crítica social que divulgou a mensagem da revolução permanente, o mito guevarista e a fé no maoísmo. A palavra proferida por esses intelectuais proveu amparo e serviu de guia à jornada definida por alguns militantes como revolucionária. O que estava em jogo era a capacidade daquela geração tornar realidade a mensagem acalentada nas páginas dos livros e nas falas públicas daqueles autores carismáticos. A missão era apressar o ritmo da história mesmo ao custo da guerra e do terrorismo político.

Estes dois universos, o da obra dos ‘autores rebeldes’ e militância dos jovens nos anos 60 e 70 e o da obra e militância salafista contemporânea, apesar de distintos em suas prédicas e aspirações, possuem agora áreas de interface teórica e política. A possibilidade deste horizonte comum tinha sido sugerida no livro *O Islã Revolucionário*, publicada em 1993 por Ilich Ramírez Sánchez (conhecido por Carlos o Chacal) condenado à prisão na França por terrorismo. Ele dizia então que era necessária uma coalizão entre as duas facções, a dos marxistas e a dos islamitas, para destruir os Estados Unidos.

Em 2001, durante sua visita ao Irã, Fidel Castro diria algo similar. Os dois países deveriam pôr a América “de joelhos”. Afinidade de pontos de vista são observadas igualmente entre o lingüista americano Noam Chomsky e Hassan Nasrallah, o líder do Hezbolá do Líbano, e entre o ex-prefeito trotskista de Londres, Ken Livingstone, e Usuf al-Qaradawi, o famoso pregador islâmico. Outro militante da esquerda próximo das correntes radicais do Islã é o político britânico George Galloway. Ele costuma afirmar que o ‘movimento progressista’ e os muçulmanos têm os mesmos inimigos, referindo-se aos Estados Unidos, à Grã Bretanha, a Israel, aos judeus, aos cristãos praticantes, aos capitalistas e ao neoliberalismo. Estimulado pela oposição popular à invasão americana do Iraque

em 2003, Galloway fundou em 2004 na Inglaterra o ‘Partido Respeito’. Desde então sua retórica está recheada de referências a Alá, de elogios à lei islâmica (shaaria) e de termos em árabe. Hoje o *Respeito* é uma coalizão de militantes trotskistas do *Socialist Workers Party* e da Associação Muçulmana da Inglaterra. A plataforma política deste partido mescla idéias socialistas e islâmicas.

O ÓDIO COMO LUBRIFICANTE SOCIAL

Certamente a existência de inimigos comuns facilita a união dos esforços de grupos ideologicamente distintos. Como propõe a Teoria do Equilíbrio de Fritz Heider (1958), o “conceito de estado equilibrado designa uma situação em que as unidades percebidas e os sentimentos vivenciados coexistem sem tensão” (Heider, 1958; p. 176) Nesse sentido, o ódio cultivado a um terceiro jogador facilita a comunicação entre dois atores distintos que pelo menos por certo tempo desfrutarão de uma convivência política. Ou seja, a existência do ódio a um alvo comum os une e serve de lubrificante social a suas relações. Por isso mesmo é usual o argumento de que na política não há amigos e inimigos. Prepondera sempre um cálculo sobre o benefício a ser obtido nas relações com os oponentes em certa circunstância. Foi o que ocorreu, por exemplo, na aliança estabelecida entre a União Soviética e os Estados Unidos na luta que ambos deflagraram juntos contra a Alemanha nazista. No caso, a oposição à Hitler e seu regime superou naquela circunstância a hostilidade existente entre as duas potências. A vitória dos Aliados sobre o inimigo comum alterou a relação entre os Estados Unidos e a União Soviética modificando por conseqüência o cálculo de *payoff* que esses atores faziam. O resultado, como se sabe, foi a Guerra Fria.

Foi o que ocorreu também entre os comunistas e os islamitas na revolução iraniana que depôs o Xá do Irã, Reza Pahlavi, em 1979. Segundo Javadzadeh (2007), foram os marxistas iranianos que se aproximaram do Islã vendo nele uma alternativa revolucionária. Alguns, como foi o caso de Ehsan Tabari, um proeminente ideólogo do partido Tudeh (comunista), advogavam a fusão plena entre os grupos. Outros defendiam a aliança entre comunistas e os islamitas como tática. No cálculo político do Tudeh o que estava em jogo era a melhor maneira de mobilizar as massas. E a doutrina islâmica, que servia de substrato cultural à população e aos próprios comunistas iranianos parecia ser mais útil e eficiente que qualquer alternativa. O fato explica porque os militantes desta organização foram chamados pelo monarca deposto de ‘marxistas islâmicos’.

No ocidente (principalmente) o mundo cristão testemunhou a emergência de algo similar a partir dos anos 70. A ojeriza cultivada por marxistas e em segmentos do mundo cristão ao espírito e prática do capitalismo facilitou o surgimento da Teologia da Libertação. No Oriente, processo similar de convivência entre o cânone religioso e uma visão política reformista e/ou revolucionária ocorreu com a emergência do socialismo islâmico. Seus divulgadores costumam afirmar a compatibilidade entre os princípios econômicos e sociais do Alcorão e os do marxismo. Eles usualmente referem a sociedade instituída em Medina por Maomé como sendo de ‘bem estar social’. Abu Dharr Al-Ghifari, um dos primeiros conversos ao Islamismo e venerado pelos xiitas como um dos Quatro Companheiros de Ali, é citado como pioneiro desta tendência político-religiosa contemporânea. Nessa narrativa Al-Ghifari se destacou (e por isso foi glorificado) por seus protestos contra a acumulação da riqueza pela classe dirigente durante o Califado de Otman. O ‘Livro Verde’ de Muamar Kadafi procurou fazer essa mesma síntese entre o socialismo e o islamismo na Líbia. No Paquistão, o PPP (Pakistan People’s Party) de Zulfikar Ali Bhutto adotou em sua plataforma política o socialismo islâmico até os anos 70. Tentativa similar foi realizada na Somália durante o regime de Siad Barre. Seguindo essa tendência, no Egito o Partido Trabalhista Socialista, fundado em 1978, modificou seu nome em 1986 para Partido Trabalhista Islâmico.

Esta perspectiva de convivência doutrinária e de esforços contra um inimigo comum permite compreender o que ocorreu no movimento *Stop the War* de 2003. Nesta ação a associação militante entre idéias marxistas e islamitas se fortaleceu. Participaram da coalizão de protesto 18 grupos da extrema-esquerda, três facções da extrema-esquerda do Partido Trabalhista Britânico, oito grupos islamitas e quatro grupos ecologistas conhecidos popularmente de ‘Melancias’, ou seja, ‘verdes por fora, mas vermelhos por dentro’.

Outra aliança desse tipo ainda foi assinalada por Oliver Roy, ex-consultor do Ministério das Relações Exteriores da França e agora professor do European University Institute de Florença. Ele diz que, além do movimento antiglobalização, o movimento salafista é o único que consegue hoje em dia no Ocidente atrair jovens inconformados com suas sociedades. Argumenta que Bin Laden diz(ia) muito pouco sobre religião, mas menciona(va) bastante Che Guevara e o colonialismo. Este autor afirma que os conversos que hoje atuam na Al Qaeda certamente teriam nos anos 70 se juntado à Facção do Exército Vermelho (conhecido na Alemanha e no mundo como Baader Meinhof) ou às Brigadas Vermelhas italianas.¹

De acordo com esta interpretação não é a pobreza que causa a simpatia de jovens do Ocidente a Al Qaeda e ao salafismo. É a alienação e a marginalização social de uma parcela da juventude em países como a França e a Alemanha que cria o ambiente psicossocial propício à recepção de uma mensagem utópica que enfrenta o *laissez-faire* liberal com um clamor à disciplina e uma missão. Segundo este paradigma, a recepção às mensagens redentoras sempre está correlacionada ao profundo desconforto e impaciência destes jovens rebelados com o ambiente circundante. Por decorrência esta circunstância cultiva na pessoa e nos grupos um distanciamento às normas sociais vigentes, aos padrões usuais de comportamento e ao senso comum. Além do mais, o vislumbre de outro futuro ajuda dar rumo aos jovens desorientados e confusos quanto a sua identidade pessoal.

Este paradigma sugere ainda que não só a recepção, mas a própria oferta de uma obra intelectual engajada e comprometida com um futuro promissor deriva em boa medida de mentes relativamente desajustadas. Ou seja, sem algum grau de estranheza ao contexto a própria criatividade intelectual estaria comprometida. Este argumento é defendido por Darko Ronald Suvin. Os *intelectuais críticos*, segundo este autor, diferenciam-se dos meramente *reprodutivos* ou *distributivos* por serem capazes de transformar a sensação de relativo desespero em novas formas de consciência. (1979, 2005).

CAMINHOS INESPERADOS

O choque de realidade que as décadas seguintes provocaram nos jovens dos anos 60 e 70 fez com que eles tomassem caminhos variados, alguns deles até mesmo inesperados. Em alguns casos, o radicalismo de extrema-esquerda foi substituído pelo da extrema-direita direita. Foi o caso de Horst Mahler, um dos fundadores da Faccção do Exército Vermelho (FEV), que passou ao maoísmo e dali ao Partido Nacional Democrática da Alemanha (NPD - Nationaldemokratische Partei Deutschlands) fundado em 1964. Esta agremiação sustenta uma ideologia ultraconservadora e nacionalista. Já o caso de Joschka Fischer é distinto. Quando jovem por pouco não integrou o Grupo Baader Meinhof (o nome popular do FEV). Por fim tornou-se Ministro de Relações Exteriores de seu país entre 1998 e 2005.

Outros como ele acabaram abandonando a militância radical de esquerda, e também o terrorismo político, para se voltar à luta em favor do movimento ambientalista e do Partido Verde. Esta militância cresceu sobremaneira na Alemanha a partir dos anos 70

tendo grande impacto no Brasil graças à influência e apoio que estes grupos concederam ao gaúcho, filho de imigrantes alemães, José Lutzenberger (falecido em 2002), que se tornou um dos principais pioneiros na luta pela preservação ambiental no Brasil.

Outros militantes da extrema esquerda dos anos 60 migraram a posições rotuladas hoje em dia como neoconservadoras. Nesta categoria costumam-se incluir intelectuais como os franceses André Glucksman, Bernard Henry-Lévy e o americano David Horowitz. Tal postura foi justificada por esses personagens com a idéia de que o ensinamento geral obtido nos anos 60 e 70 foi a de que o totalitarismo é o verdadeiro inimigo da humanidade, seja ele de esquerda ou de direita.

Há que se salientar, no entanto, a evidência que o espírito rebelde dos anos 60 e 70 não foi plenamente debelado e que a utopia revolucionária resiste e luta por sua sobrevivência nas mentes das novas gerações. Ela pode ser rastreada nas intenções, no espírito e no conteúdo da ação de inúmeras iniciativas de caráter político e ideológico contemporâneas. Por exemplo, o *ativismo retórico* visa denunciar a capacidade que a prosa rotulada pelos críticos como hegemônica parece ter no comando da mente das massas. Estes críticos têm utilizado a ‘análise de discurso’ como estratégia de luta política. Ao ‘desconstruírem’ a fala dos opositores querem desmascarar a argumentação dos atores que usualmente dominam a cena pública - em geral as falácias da autoridade e o senso comum estabelecido pela mídia, escolas, livros de história e a indústria cultural.

O *ativismo retórico* é exemplo de militância que envolve em especial os acadêmicos. Para estes, a atividade intelectual deve estar politicamente comprometida. Assim, segundo esta interpretação da missão revolucionário do acadêmico, o ambiente universitário deveria deixar de lado o seu usual silêncio obsequioso para sustentar e manter viva a chama da inconformidade.

GUERRA DAS IDÉIAS

Como sugerido, a acomodação da geração dos anos 60 ao *quietismo* pós-moderno do século XXI não foi absoluta. A reversão de expectativas não foi generalizada. O sonho por um novo mundo persiste e se transformou em slogan do Fórum Social Mundial (FSM). Apesar dos idealizadores deste evento não terem definido a iniciativa como uma frente política e sim como espaço de reflexão crítica sobre a conjuntura econômica, social, cultural e política do mundo atual, eles apresentaram aos participantes do evento

princípios norteadores que podem facilmente ser relacionados à agenda política dos movimentos reformistas e rebeldes da década de 60 e 70.

Fica claro o mal-estar desta nova geração de militantes - que está acompanhada de perto por muitos ex-ativistas dos anos 60 e 70 - com o neoliberalismo, com o papel das corporações multinacionais, com a globalização financeira e cultural, com o capitalismo e com o imperialismo. Outros motivos alegados para este renovado mal-estar é a redução dos programas sociais dos estados e seus subsídios sociais, a mercantilização da mulher como objeto sexual, o desemprego e a informalização das relações de trabalho, a ideologia liberal da competitividade, a fragilização da soberania nacional, a marginalização das organizações da ONU (em especial da Organização Mundial do Trabalho) o desequilíbrio ambiental, a pesquisa genética, o militarismo e a hostilidade aos imigrantes, aos refugiados e ao Islã.

Conclui-se que o FSM é ao mesmo tempo um espaço de educação e incitação política. Muitos ativistas advogam a idéia de que esta mobilização deve culminar numa proposta política concreta. É o caso, por exemplo, de Samir Amin, economista egípcio.² Ele observa que “não haverá alternativa ao presente sistema de poder, globalização neoliberal ou globalização imperialista a menos que estes movimentos [que participam do FSM] se unam para articular uma alternativa”.³ Já o intelectual franco-brasileiro, Michel Löwy, diz que o FSM tem forte apelo subversivo e é capaz de fazer frente à nova ‘internacional do terror’ representada pelo neoliberalismo. Ele afirma que o FSM é capaz de criar um ‘coquetel explosivo’ e ironiza a anunciada ‘morte da utopia’.

O FSM acabou se convertendo numa resposta ao Fórum da Liberdade que desde 1988 faz sua pregação liberal em eventos anuais concebidos para atrair a atenção da mídia. Tal fórmula passou a incluir uma agenda política atualizada e a presença de celebridades polêmicas, entre elas algumas que divergem do ideário liberal. Os autores arregimentados numa e noutra frente continuam a vislumbrar mundos ideais distintos. Ambas as correntes se articulam em redes internacionais de colaboração e afinidade e evocam fontes de inspiração que divergem radicalmente entre si. No caso da frente liberal, por exemplo, tal lista inclui autores como Aaron Director, Adam Smith, Alexis de Tocqueville, Ayn Rand, David Hume, Donald Stewart Jr., Douglass North, Frédéric Bastiat, Gordon Tullock, Isaiah Berlin, James Buchanan, John Milton, John Stuart Mill, Karl Popper, Ludwig von Mises, Milton Friedman, Murray Rothbard, Og F. Leme, Paul Johnson e Peter Thomas Bauer.

AS FONTES DO SALAFISMO

Esta guerra fria que assim perdura sob disfarce encontrou agora no campo de batalha por corações e mentes a corrente salafista. Ela disputa não só a simpatia dos alunos das madrassas paquistanesas, das comunidades de expatriados do mundo islâmico na Europa e de outros continentes como também a simpatia de jovens inconformados do ocidente. Como ocorreu nos anos 60 e 70, os intelectuais desempenham igualmente aqui também um papel central. As interpretações contemporâneas de algumas fontes teológicas islâmicas do passado oferecem ao salafismo jihadista as necessárias justificativas às suas ações violentas, como mostra o trabalho de William McCants, *Militant Ideology Atlas*.⁴ Este levantamento fez a contagem da frequência dos autores referidos no *Tawhed*, a principal fonte on line do pensamento fundamentalista. McCants identificou que 70% das fontes do Tawhed são de pensadores falecidos antes do século XX e que somente 14,3% estavam vivos no momento da realização do estudo em 2006. Do século VII até o século XVIII (inclusive) o total de fontes intelectuais do moderno jihadismo chega a 63%. Como sugere o autor, “é fácil concluir destes dados que as fontes medievais são as mais numerosas e são as mais conservadoras.” São elas as que inspiram a ação revolucionária dos diversos grupos que em nome de Alá e do Islã desejam fazer renascer agora a imaginada glória do califado.

As fontes salafistas citadas no Tawhed segundo a data do falecimento de cada autor citado. (*Militant Ideology Atlas*)

Século do falecimento	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI	XVIII	XIX	XX	XXI	Vivos	Total
Número de fontes	8	11	11	11	16	8	11	12	6	4	6	11	22	4	23	164
Percentual	4,9	6,7	6,7	6,7	9,7	4,9	6,7	7,3	3,6	2,4	3,6	6,7	13,4	2,4	14,3	100

Os autores medievais mais citados nas postagens do Tawhed são Ibn Taymia (falecido em 1328), Ibn AL-Qayyim al-Jawziyya (1350), Ibn Hajar AL-Asqalani (1449), Al-Qurtubi (1273) e Ibn Kathir (1372). Entre os vivos em 2006 estavam Al-Maqdisi (Jordânia); Abu Basir Al-Tartusi e Abu Qatada, (residentes da Inglaterra, país que concentra hoje o maior número de simpatizantes da Al Qaeda no Ocidente) e Adb AL-Qadir b.Abd AL-Aziz (Egito), além de vários clérigos sauditas que fazem parte hoje em dia do aparato político-religioso do país.

AS CONVERSÇÕES E A LITERATURA

Uma maneira usual de avaliar o impacto de um autor e de sua obra é medir a frequência com que ele é mencionado na literatura de certa época. Isso hoje é possível também

graças ao Cultoromics. Já o impacto nas conversações pode ser avaliado pelo Topsy que mede a frequência com que certo verbete é referido nas mensagens tuitadas e retuitadas em certo período. No caso deste estudo, quer-se ainda comparar a apropriação que o público contemporâneo está fazendo destas duas tradições utópicas, ou seja, a promovida pela obra dos ‘autores rebeldes’ e a que inspira agora o fundamentalismo islâmico.

Os dados revelam que as fontes islâmicas mencionadas no estudo de William McCants tiveram mais que o dobro das referências feitas aos ‘autores rebeldes’ nas mensagens tuitadas e retuitadas em todo o mundo no período de 25/02/2013 a 26/03/2013 (29.968 citações contra 11.263). Entre os autores que marcaram os anos 60 e 70, o mais referido nessas conversações foi Jean Paul Sartre. Do total das 11.263 referências feitas aos cinco autores ‘rebeldes’ considerados neste estudo Sartre ocupou o primeiro lugar com 10.483. A marca deixada pelos demais (Herbert Marcuse, Régis Debray, Ernst Bloch e Frantz Fanon) neste tipo de interlocução é pequena (somente 780 citações). No caso do fundamentalismo islâmico, a principal referência foi Abu Qatada com 25.220 citações. Sem sua presença o total de 27.988 referências às fontes fundamentalistas cairia para somente 2.768. Pode-se também ver que Abu Qatada teve o dobro das referências que Jean Paul Sartre.

Tabela 1: Frequência dos autores referidos nos tuites do período 25/02/2013 a 26/03/2013. Fonte: Topsy

	F	V	F	F	F	V	V	V	V	F	F	F	F	F
Dia/Mês	JPS	HM	RD	FF	EB	AQa	AT	AM	AZ	IT	AA	AJ	AQ	IK
25/2	461	34	5	-	5	3		3	40	-	3	8	5	18
26/2	496	10	11	-	3	31		1	21	-	1	3		14
27/2	238	4	7	-	3	-		8	9	2		7		29
28/2	239	4	7	-	3	7		2	13	1		16	1	18
1/3	227	10	14	-	-			1	12				2	2
2/3	265	11	3	-	1			10	22	1		1	30	30
3/3	456	-	10	-	1			5	43		5	61	2	15
4/3	339	23	3	-	2	7		7	37	2		46		45
5/3	413	37	7	-	3	53		4	15			26		64
6/3	497	3	24	-	1	20		3	9			20	5	35
7/3	218	1	22	-	-			7	41			34		25
8/3	217	9	14	-	2	5654		4	164		1	13		29
9/3	561	2	24	2	3	1872		9	31			8		18
10/3	386	5	9	-	2	2573			45			13		33
11/3	428	4	12	-	1	560			24	4	4	11	2	38
12/3	258	25	13	-	4	69			60			34		2
13/3	365	22	1	-	7			2	15		1	18		57
14/3	249	4	8	-	7			11	18			31		18
15/3	407	6	4	-	6	50	2	3	31			41		24
16/3	344	24	22	-	6	15		1	31			37	3	22
17/3	299	4	4	-	4	34		2	27			11	14	14

18/3	272	5	2	-	5	4		4	30			-	3	3
19/3	678	20	4	-	5			23	35			14		82
20/3	380	6	54	-	5	842		6	35			6	7	20
21/3	327	7	20	-	-				3		3	3	10	1
22/3	277	2	1	-	1				7			5		40
23/3	273	-	-	-	8	17		3	63	3	3	15		52
24/3	244	6	16	-	16	14		6	10	11		11		290
25/3	328	6	16	-	1	19		4	4	7		7		28
26/3	341	20	7	-	8	13376	6	6	7			12	7	7
Total	10.483	314	351	2	113	25.220	8	139	902	31	21	512	91	1070

JPS- Jean Paul Sartre/ HM- Herbert Marcuse/ RD- Régis Débray/ FF- Frantz Fanon/ EB- Ernst Bloch/ AQA- Abu Qatada/ AT- Al Tur-tusi/ AM- Al Maqdisi/ AZ- Al Aziz/ IT- Taymia/ AA- Al Asqalani/ AJ Al Jawaiyya/ AQ- Al Qurtubu/ IK- Ibn Kathir/ V- Vivo/ F- Falecido

As duas únicas referências feitas a Frantz Fanon nas mensagens tuitadas e retuitadas neste período sugerem que autores que marcam uma época com sua obra, biografia e militância podem, passado certo tempo e modificado o contexto, cair no virtual esquecimento do público em geral. Certamente ele poderá ser resgatado do olvido caso a circunstância política e psicossocial se altere na direção de seu legado. A influência exercida pelos teóricos medievais no salafismo contemporâneo é exemplo adicional desse tipo de ocorrência. Constatamos ainda que, excluindo Sartre e Qatada, os filósofos do fundamentalismo são mais referidos nos tweets que os pensadores dos anos 60 e 70 (1043 citações contra 780). Também no confronto direto entre os pensadores dos anos 60 com os pensadores vivos do fundamentalismo islâmico observa-se a supremacia dos fundamentalistas (25.263 contra 11.264 referências). A posição se inverte quando os pensadores dos anos 60 e 70 são comparados com os teóricos medievais do fundamentalismo islâmico (11.263 contra 1721 referências).

Graças ao Cultoromics, esta comparação pode ser ampliada à obra editorial publicada em várias línguas ao longo do tempo. As tabelas 2 e 3 examinam a frequência (em percentual) das citações a todos estes autores em três tradições literárias em 2000 e 2008.

Tabela 2: Citações na bibliografia em três tradições literárias. Em 2000.

		Inglês americano		Francês		Alemão
Marcuse	1.	0,0000193382%	3.	0,0000197152%	2.	0,0001100151%
E. Bloch	2.	0,0000092007%	2.	0,0000327869%	1.	0,000170941%
J. P. Sartre	3.	0,0000037154	4.	0,0000038092%	4.	0,0000134533%
Ibn Kathir	4.	0,0000017675%	6.	0,0000002116%		zero
R. Debray	5.	0,0000032104%	5.	0,0000003757%	5.	0,0000056992%
Al Aziz	6.	0,0000001126	7.	0,0000001952%		zero
A. Qatada	7.	0,0000000382%		zero		zero
Fanon	8.	0,0000000207%	1.	0,0000424526%	3.	0,0000138354%
Taymia		zero	8.	0,0000001763%		zero

Fonte: Cultoromics Nota: Nomes não referidos na tabela não pontuaram.

Tabela 3: Citações na bibliografia em três tradições literárias. Em 2008.

	Inglês		Francês		Alemão
Marcuse	2 0,0000142623%	3	0,000022829%	2	0,0000748601%
E. Bloch	3 0,0000077574%	2	0,000024263%	1	0,0001224121%
J.P.Sartre	8 0,0000000361%	5	0,0000048691%	4	0,0000104061%
Debray	4 0,0000028337%	7	0,000000314%	5	0,0000085567%
Fanon	1 0,0000209955%	1	0,000067577%	3	0,0000161777%
Qatada	6 0,0000017106%		zero		zero
Al Aziz	7 0,0000001008%	8	0,000000108%		zero
Ibn Kathir	5 0,0000023476%	6	0,000004325%		zero

Fonte: Culturomics Nota: Nomes não referidos na tabela não pontuaram

Constata-se em primeiro lugar que a frequência das referências aos autores varia no interior das tradições literárias ao longo do tempo. Por exemplo, Herbert Marcuse ocupava na obra publicada em inglês o primeiro lugar em 2000. Oito anos depois esse autor migrou para o segundo lugar cedendo a liderança a Frantz Fanon que migrou da última posição em 2000. Mas essa projeção de Fanon na literatura inglesa não é acompanhada por projeção similar nas conversações das pessoas (nos 30 dias examinados de 2013). Outra evidência dissonante é o fato de que, embora Sartre seja o mais referido nas conversações, sua posição no ranking se deteriorou em inglês, mantendo-se mediana em francês e alemão nos dois períodos.

Constata-se ainda que a literatura em inglês é a que mais atenção dá aos filósofos do Islã seguida de perto pela literatura em francês. A literatura em alemão desprezou essas fontes nos dois períodos estudados. Os pensadores islâmicos de maior projeção são Ibn Kathir, Al Aziz e Abu Qatada. Os autores do medievo que inspiram o salafismo contemporâneo quase não são referidos na literatura em inglês, alemão e francês.

Tanto as referências nos tuites como as referências na literatura revelam a apropriação que certa geração faz da obra de seus autores vivos assim como do patrimônio que lhes é legado pela tradição e pela história cultural. Esta navegação no acervo revela a autonomia intelectual do receptor na gestão das idéias que circulam em seu ambiente através da mídia, nas escolas e noutras instituições. Ela explica também porque há por vezes significativa dissonância entre o alto impacto de certo autor nas conversações, como é o caso de Sartre, e o seu impacto menor nas referências editoriais atuais. Os autores medievais e contemporâneos do Islã referidos no portal Tawhed são outro exemplo deste tipo. O impacto dos mesmos é mais alto nas mensagens tuitadas que ‘os autores rebeldes’ dos anos 60 e 70, enquanto seu impacto na literatura ocidental examinada é mínimo. (O impacto dos ‘autores rebeldes’ do ocidente e das fontes medievais

e contemporâneas islâmicas na literatura do mundo muçulmano não é referido, pois a língua árabe que serve prioritariamente a sua difusão não está disponível para análise no cultoromics.)

A autonomia da audiência mostra que a obra intelectual não se impõe naturalmente. As mensagens consumidas pelo público são aquelas capazes de suprir suas necessidades e pulsões do momento. A ascensão e o ocaso na apropriação da obra de certo autor principalmente nas conversações do cotidiano derivam principalmente das circunstâncias nas quais o público está envolvido. O que agrada uma geração desagrade à seguinte. É este andar em ziguezague das perspectivas que coloca e retira do pódio não só as utopias disseminadas no mercado das idéias como também a obra de seus proponentes.

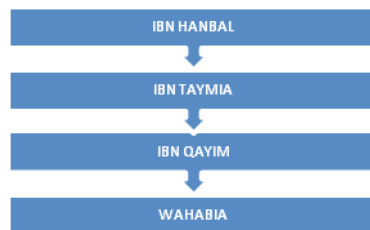
Naturalmente, quando ambas as auras - a midiática e a intelectual - se combinam num personagem observa-se nele um vigor intergeracional que persiste. Sua apropriação a posteriori é facilitada a por sua popularidade na cultura popular. Régis Debray desfruta até hoje desta propriedade. Sua curta permanência na selva ao lado de Che Guevara, sua prisão e condenação na Bolívia e a campanha internacional levada a cabo por sua libertação lhe deram uma imagem de rebelde, revolucionário, vítima, e por fim de intelectual polemista que soube desfrutar intensamente da mídia para difundir seu ideário. O mesmo ocorreu com Herbert Marcuse e Frantz Fanon que, como Sartre, abandonaram o campo meramente especulativo da filosofia política ao se tornarem filósofos engajados. A conversão de Fanon à causa da libertação argelina e sua traição à França colonial foram elementos simbólicos que também contribuíram fortemente à apropriação pelo público de sua figura revolucionária. A rebelião do refugiado Marcuse contra a sociedade industrial moderna na qual se inseriu nos Estados Unidos o tornou popular e referência constante dos comunicués políticos de grupos como Montoneros, Tupamaros, Baader Meinhof e Brigada Vermelha.

A VOLTA DO PASSADO

Também as fontes medievais do salafismo ajudam a documentar este argumento que elabora sobre a autonomia da audiência e os fatores simbólicos que ajudam os autores rebeldes e suas obras causarem um impacto no imaginário coletivo mesmo das gerações futuras. Ibn Taymia, por exemplo, é referência canônica do jihadismo contemporâneo, apesar de seu nome não ter sido referido nos tuites e na literatura ocidental examinados como documenta o Tawhed. Taymia viveu à época da invasão mongol e contra eles

se rebelou. Sua principal mensagem é a de que os muçulmanos devem retornar às fontes sagradas do islamismo. Na verdade divulgou a mensagem de seu antecessor, Ahmad Ibn Hanbal (780-855 a.e.c), o fundador da quarta das quatro principais escolas de jurisprudência do Islã, a Hanbali. Ela se caracteriza pela concepção de que a lei islâmica foi influenciada pelos *hadiths*, ou seja, os registros que foram validados por Maomé durante sua vida. Esta visão levou Ibn Taymia a rejeitar a teologia oficial que divulgava o dogma da criação do Alcorão. O ato de rebeldia lhe valeu a prisão e sua imagem de vítima lhe deu popularidade. Acabou conhecido por isso como o *Imã de Bagdá*.

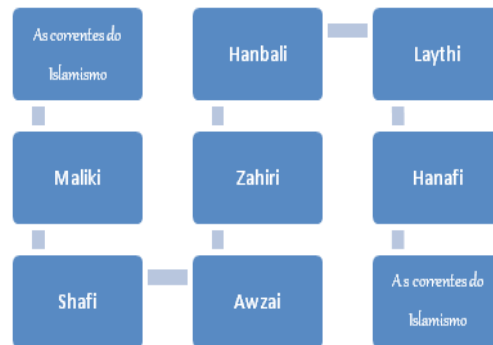
Já as mensagens de Ibn Qayim Al-Jawziyah (1292/1350), em especial seus comentários sobre o hadith e fiqh (jurisprudência), esperaram um longo período da história para se imporem à mente dos fiéis. Ele foi educado numa das poucas madrassas da tradição Hanbali próxima a Damasco tornando-se a seguir fortemente influenciado por Ibn Taymia que se tornou um dos seus mestres preferenciais. Os dois acabariam encarcerados juntos em Damasco. Qayim compilou a obra de Taymia a quem sucederia na sua capacidade de atrair novos estudiosos devido ao seu saber e profunda devoção mística.



A terceira fonte referida no site Tawhed é o egípcio Ibn Hajar Al-Asqalani (1372-1449), teólogo originário da escola sunita de jurisprudência Shafi, ou seja, a que segue os ensinamentos do Imã al-Shafi (767 - 820 e.C). Sua influência é vasta e atinge hoje várias regiões do sudeste asiático, África, Lêmen, partes do Egito e Índia. Sua obra é referência a todas as tendências teológicas sunitas. Tanto al-Shafi como Ibn Hanbal se opuseram a qualquer liberdade de pensamento individual. Ou seja, hostilizaram a especulação e as conjecturas. Queriam a aplicação rigorosa dos princípios legais (Shaaria). Ambos aderiram à escritura e às tradições.

Este mesmo ponto de vista estrito é defendido pelo Imã Malik (Al-Asbahí), professor de Shafi e fundador de outra corrente teológica do Islã sunita, a Maliki. Foi contemporâneo de muitos dos ‘companheiros’ de Maomé que desempenharam um papel central no desenvolvimento do pensamento islâmico e no desenvolvimento político do Califado. A oposição de Maliki às inovações pode ser exemplificada com sua afirmação de que o que

não fazia parte da religião nos primórdios não deveria fazer parte da tradição agora. Ou seja, era inimiga da teologia especulativa (kalam) que surgiu no período da primeira dinastia islâmica, a Umaiáda.



Al-Qurtubi (1214-1273) de Córdoba pertence à escola sunita Maliki. Ele se destacou por seus comentários, narrativas e recitações sendo um ácido crítico de várias seitas e aspectos do sufismo e, em especial, a mutazilah, a escola teológica que floresceu em Bagdá entre os séculos VIII e X e que empregou na derivação de seus dogmas as categorias e os métodos da filosofia helenística. Tal hibridismo cultural é visto até hoje pelos mais conservadores como um sintoma ameaçador. Eles continuam a se opor de forma vigorosa a este tipo de tendência ao sincretismo. Ibn Kathir (1301- 1373), por sua vez, pertence à tradição Shafi. Esse teólogo e historiador do Islã serviu como julgador oficial em comissões que vigiavam a heresia até receber sua posição na Grande Mesquita de Damasco em 1336.

O escritor jordaniano-palestino Abu Muhammad Asem al-Maqdisi está entre os autores vivos mais influentes nos grupos islâmicos rebelados. Ele é o proprietário do site Tawhed. Acabou preso em 1992 na Jordânia ao iniciar uma militância contrária ao governo do país acusando-o de contradizer com suas decisões políticas as leis divinas. Seu companheiro de prisão, al-Zarqawi, o líder da Al Qaeda no Iraque, acabou fortemente influenciado por suas idéias. Ao ser libertado, al-Zarqawi partiu rumo ao Afeganistão. Maqdisi permaneceu na Jordânia onde acabaria novamente preso acusado de ataques terroristas praticados no país. Uma terceira prisão ocorreria em 2005 após uma entrevista concedida a al-Jazeera.

Abu Basir atua em Londres. Ele tem sido descrito como um dos principais líderes do pensamento salafista contemporâneo. Sua formação conservadora é percebida na forte crítica que fez ao livro *'Racionalizando a Jihad no Egito e no Mundo'* escrito por Sayd

Imam al-Sharif e publicado no jornal do Kwait *Al-Jarida* e no egípcio *Al-Masri Al-Yawm*. Esta obra faz um chamado para que as atividades da jihad tanto no ocidente quanto nos países muçulmanos cessassem. O radicalismo de Abu Basir pode ser documentado também por sua fatwa de 2008 na qual declarou o já mencionado sheik Yusuf al-Qaradawi, como apóstata em virtude deste famoso apresentador do programa da Al Jazeera, *Shaaria e a Vida*, ter se oposto à destruição das estátuas de Buda no Afeganistão pelo Talibã, por não ter se oposto à presença de muçulmanos no exército dos Estados Unidos, por ter se referido aos coptas do Egito como ‘nossos irmãos cristãos’, e por se opor ao uso do termo ‘infiel’ para nominá-los preferindo em vez disso o conceito de ‘não-muçulmanos’, entre outras divergências.

O nome de Abu Qatada é também bastante conhecido do público por estar envolvido em inúmeros processos judiciais e perseguições policiais levadas a cabo em Londres, cidade na qual se refugiou das ameaças que sofria na Jordânia. Ele tem sido referido por várias fontes policiais como um dos pregadores mais influentes de vários grupos salafistas e jihadistas, em especial os atuantes na Argélia, Tunísia e de células terroristas ligadas a Al-Qaeda que atuam na Europa. Por fim, o último personagem referido no *Militant Ideology Atlas*, Abd al-Aziz, destaca-se por ser uma reconhecida fonte intelectual salafista e por ter sido o primeiro líder da Jihad Islâmica egípcia até ser substituído por al-Zawahiri em 1991. Aziz foi o autor do ‘Manual de Preparação Militar’ da Jihad.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comparação feita entre as duas tradições rebeldes mostra que o tempo não é obstáculo ao consumo de certo ideário. Por vezes a antiguidade ajuda a conferir sacralidade às mensagens. É o que ocorre no Ocidente com as freqüentes referências aos filósofos gregos considerados como os pais fundadores desta civilização. As fontes medievais do salafismo são citadas nas postagens do Tawhed com a mesma perspectiva. Ela visa mostrar que a rebeldia islamita contra o *laissez-faire* liberal não é recente e está fincada na tradição. Afinal, o apetite ‘espiritual’ de uma geração é sempre saciado pelo acervo que está sempre em posição *stand by* à disposição da audiência. Este fato, como dito, é elemento chave que explica a popularidade sempre móvel e incerta de tais fontes.

A obra intelectual produzida por estes autores é condição necessária, mas não suficiente para explicar a popularidade dos mesmos em determinadas circunstâncias. Também os elementos dramáticos de sua militância política contribuem à sua reputação pública. Eles

conferem aura e ajudam a compor uma aparência mística e religiosa que seduz o público que nestas circunstâncias de indecisão moral demandam destas fontes orientação e rumo.

O primeiro fator da dramaturgia rebelde é a capacidade dos intelectuais gerarem polémicas. Entre as pessoas em geral esta virtude é escassa. A exposição pública de idéias sufocadas pelo medo ao ostracismo alivia segmentos da opinião pública. Esta propriedade torna o polemista num personagem da vida social, política e cultural de uma comunidade. Acarreta-lhe maior freqüência à mídia. Por decorrência, ele ultrapassa os espaços reclusos de educação e doutrinação. Tornam-se ‘intelectuais públicos’. Vencem até mesmo a barreira do tempo como foram os casos, por exemplo, de Taymia (que se rebelou à teologia oficial), à Al-Asqalani (que se opôs à dedução analógica da escritura), a Al Qurtubi (que militou contra o sincretismo), Abu Basir (que se opôs fortemente contra o islã liberal), Herbert Marcuse (que discursou contra a sociedade de consumo, a tecnologia e o capitalismo) e Sartre (que se tornou maoísta depois de negligenciar sua obra existencialista).

A mensagem do rebelde é usualmente crítica e hostil ao status quo. Ela difunde a esperança e uma visão de futura que pode estar no passado. No caso da Taymia, é o retorno aos fundamentos do Islã. Al-Jawaiya propõe também certa dose de misticismo. Al-Asqalani sugere adesão cega à escritura e às tradições originais do Islã.

Nestes casos todos, há sempre algum elemento da biografia do personagem que dá vigor à difusão de sua obra. Como proposto, a rebelião de Fanon e sua conversão e traição ao império colonial francês é exemplo deste tipo. Marcuse rebela-se contra a sociedade e o país que o salvaram do nazismo. Rebelaram-se também Taymia (contra os mongóis) e Al-Maqdisi (contra o governo jordaniano). A prisão de Taymia devido a sua oposição à teologia oficial encanta até hoje seus seguidores. O mesmo ocorre, como mencionado, com Débray. Também a perseguição desencadeada contra Abu Qatada e Al-Maqdisi acrescentam o martírio como outro elemento que contribui na consolidação da imagem de um personagem como herói. Nestes casos todos percebe-se que por natureza ele é inquieto, tem opiniões fortes e seguras, é desafiador, por vezes agressivo, e que em alguns casos paga com o sofrimento pessoal a ousadia de pensar o impensável.

REFERÊNCIAS

Abaurre, Juan Carlos Ochoa. ‘Descubrir la ontología en la mitología del pueblo Tupi-Guarani: El reto de una nueva antropología iberoamericana.’ *Thémata*. Revista de Filosofía, n. 39, 2007, Universidad de Navarra

_____. **Mito y chamanismo: el mito de La Tierra Sin Mal en los Tupi-Cocomade La Amazonía peruana.** Pamplona, Univ. de Barcelona. Dissertação de Doutorado, 2002

Abu-Rabi, Ibrahim (Org.) **O Guia Árabe Contemporâneo sobre o Islã Político.** Madras, 2010

Cottee, Simon. 'Mind Slaughter: the neutralizations of jihadi salafism.' **Studies in Conflict and Terrorism**, 33:330-352, 2010

Eliade, Mircea. 'Paraíso y utopia: Geografia mítica e escatologia.' Frank E. Manuel. **Utopías y Pensamiento Utópico**, Epase Calpe, Madrid, 1982

Heider, Fritz. **The psychology of interpersonal relations.** Nova York, John Wiley & Sons, 1958

Javadzadeh, Abdolrahim. **Marxists into Muslims: An Iranian Irony.** Florida International University. 2007

Mannheim, Karl. **Ideology & Utopia.** A Harvest Book. 1985

Sanchez, Ilich Ramirez. **L'Islam Revolutionnaire.** Editon du Rocher. 1993

Suvin, Darko Ronald. **Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre,** New Haven: Yale University Press, 1979

_____. 'Displaced Person'. **New Left Review**, n. 31, Jan/Fev 2005

(ENDNOTES)

- 1 http://en.qantara.de/wcsite.php?wc_c=8321
- 2 Autor de obras como *Imperialism & Unequal Development*; *Specters of Capitalism: A Critique of Current Intellectual Fashions*; *Obsolescent Capitalism: Contemporary Politics and Global Disorder* e *The Liberal Virus*.
- 3 For struggles, global and national. *Frontline*, Vol. 20, n 2.
- 4 Combating Terrorism Center, US Military Academy.

Artigo recebido: 16 de abril de 2013

Artigo aceito: 08 de maio de 2014